

Demografia e escravidão no Recôncavo da Guanabara nos séculos XVIII – XIX.

Rubens da Mota Machado

A Baixada Fluminense tantas vezes estigmatizada por seus grupos de extermínio e seus políticos caudilhistas, o que infelizmente não corresponde somente a conceitos prévios, tendo sido nos últimos anos objeto de diferentes olhares acadêmicos.

Os estudos historiográficos sobre a escravidão na Baixada Fluminense, propósito desta minha fala, tem revelado facetas do passado da região até então inimagináveis por seus habitantes. Alguns historiadores progressivamente voltam seus olhares para as terras do Recôncavo da Baía de Guanabara, reescrevendo a história de uma região que durante muito tempo ficou oculta atrás das águas poluídas de sua Baía.

Os trabalhos iniciais sobre a região se devem as obras de escritores memorialistas como José Mattoso Maia Forte¹, Waldick Pereira², Ruy Afrânio Peixoto³ e Dom Clemente Nigra⁴, que escreveram os primeiros ensaios glorificando o passado local. Na década de 70, o trabalho de Vânia Froes inaugura o campo do estudo acadêmico sobre território do recôncavo guanabarino, com sua dissertação sobre a Vila de Estrela.⁵

Impulsionados pela diversificação de estudos historiográficos sobre o Rio de Janeiro, surge nos anos 90 uma série de trabalhos acadêmicos sobre o Recôncavo da Guanabara, nos quais os maiores exemplos são as dissertações de Antonio Jucá Sampaio⁶, Flávio Gomes⁷ e Jorge Silveira⁸, os dois primeiros atualmente professores da UFRJ. No decênio seguinte, novos trabalhos ampliaram ainda mais o debate sobre o passado do recôncavo, concentrados principalmente entre os pesquisadores da UFF;

¹ FORTE (1933).

² PEREIRA (1977).

³ PEIXOTO (1968).

⁴ NIGRA (1943).

⁵ FROES (1974).

⁶ SAMPAIO (1994).

⁷ GOMES (1995).

⁸ SILVEIRA (1998).

como exemplo, temos as dissertações de Nielson Bezerra⁹ e Denise Demétrio¹⁰; os artigos de Mariza Soares, e ainda, a recente tese defendida por Bezerra¹¹.

Minha proposta de fala neste encontro é realizar uma breve apresentação à composição demográfica da escravidão no Recôncavo da Guanabara, percorrendo os principais trabalhos historiográficos referentes ao escravismo em terras fluminenses entre os séculos XVIII ao XIX. Passemos a estes agora.

Segundo as informações do relatório do Marquês do Lavradio de 1778, a região do Recôncavo da Guanabara contava com 7.122 escravos. Todavia, o estudo de Waldick Pereira alerta que o citado relatório destaca que somente 880 escravos (12,4%) estavam empregados em atividades relacionadas a engenhos e engenhocas. Restando assim, 6.242 cativos (87,6%) que exerciam outras atividades não diretamente submetidas a engenhos ou engenhocas. Fica então a pergunta: Em que atividades esta grande porcentagem de escravos estaria empregada?

A obra de Stuart Schwartz¹² que trabalha com Recôncavo Baiano apresenta um perfil semelhante sobre a mão-de-obra escrava. Segundo Schwartz, grade parcela da produção de cana-de-açúcar baiana apóia-se em fazendas plantadoras de cana, que não possuindo um engenho negociam sua produção com senhores de engenhos da vizinhança. Interessante observar que Schwartz indica que os pequenos plantadores de cana do recôncavo baiano possuíam percentagens significativas de escravos para o trabalho na produção de cana de açúcar em suas propriedades. Haveria no Recôncavo da Guanabara característica semelhante sobre a divisão da mão-de-obra escrava ?

Neste sentido, o trabalho de Iraci Costa¹³ ajuda a esclarecer o perfil dos plantéis escravos do Recôncavo da Guanabara. Segue os dados abaixo.

⁹ BEZERRA (2008).

¹⁰ DEMÉTRIO (2008)

¹¹ BEZERRA (2010)

¹² SCHWARTZ (1988).

¹³ COSTA (1988).

TABELA 1

Distribuição dos Escravos Segundo o Tipo de Unidade Produtiva e Faixas de Tamanho de Plantéis (FTP) (1778)

FTP	Engenhos			Engenhocas		
	Nº de Prop.	Escravos		Nº de Prop.	Escravos	
		Nº Absoluto	%		Nº Absoluto	%
0 a 5	24	74	0,6	53	167	8,8
6 a 10	40	308	2,6	51	399	21,1
11 a 20	81	1.269	10,9	49	664	35,1
21 a 40	116	3.565	30,7	20	569	30
41 a 60	28	1.379	11,9	2	95	5
61 a 80	16	1.183	10,2	-----	-----	-----
81 a 100	8	736	6,3	-----	-----	-----
Mais de 100	10	3.109	26,8	-----	-----	-----
Totais	323	11.623	100	175	1.894	100

Fonte: Adaptação de COSTA, Iraci del Nero da. Nota sobre a posse de escravos nos engenhos e engenhocas fluminenses. (1778). Tabela 1, página 2

Segundo Costa, o Recôncavo da Guanabara tinha 30,7% de seus escravos empregados em engenhos formando plantéis com 21 a 40 cativos, ao passo que para unidades de engenhocas a mesma faixa de plantel reunia 30 % dos cativos empregados naquela atividade. Caso isolemos os escravos empregados em atividades relacionadas ao engenho em faixas de plantéis que variam de 11 a 40 indivíduos, teremos o índice de 41,6 % como a dimensão média dos plantéis empregado em engenhos de cana em Iguaçú. Enquanto, se fizermos o mesmo processo para os escravos utilizados em trabalhos relacionados a engenhocas, teremos 65,1% escravos compondo plantéis entre 11 a 40 indivíduos. Vale lembra que Costa e Pereira trabalham ambos com a mesma fonte, o relatório do Marquês do Lavradio de 1778, o que indica que o número total de escravos mensurados na tabela 1, estava empregado em engenhos ou engenhocas, o que totaliza 880 indivíduos. Portanto, seguindo os dados apresentados acima, consideramos que os plantéis escravos do Recôncavo da Guanabara teriam como médias a variação quantitativa entre 11 a 40 indivíduos.

A conclusão semelhante chegou Bezerra, que trabalhando em sua tese com inventários salvo-guardados no Arquivo Nacional, determinou a variação média dos plantéis de Iguaçu entre 1 a 31 indivíduos. Todavia, ao contrário de Costa e Pereira, a argumentação central de Bezerra enfatiza que a economia das freguesias do Recôncavo da Guanabara estava voltada para a produção de gêneros alimentícios e navegação dos rios locais, atividades diretamente relacionadas com a proximidade da região com a Corte. Neste sentido, o campo de análise dos plantéis escravos estudados por Bezerra agrega diferentes tipos de lavouras e diversos ofícios em que seu empregasse mão-de-obra cativa.

Anteriormente, Antonio Jucá Sampaio havia chegado à conclusão aproximada sobre o funcionamento da economia na Vila de Magé, cuja economia era baseada na produção de gêneros alimentícios, que constantemente eram enviados para o Rio de Janeiro. Segundo o estudo de Sampaio, os pequenos agricultores de Magé utilizavam o trabalho familiar auxiliando pelo trabalho de poucos escravos na suas lavouras de alimentos.

Assim, seguindo as pistas da argumentação de Sampaio e Bezerra pode-se concluir que os proprietários de escravos do Recôncavo da Guanabara empregavam a maioria dos seus escravos não em atividades relacionadas com a plantação ou o processamento da cana-de-açúcar, conforme argumento Schwartz para o caso baiano. Nas terras do Recôncavo da Guanabara, a maior percentagem da mão-de-obra escrava estava destinada a atividades relacionadas ao plantio de gêneros alimentícios ou ao transporte de pessoas e mercadorias via os rios da região.

Agora, centralizando nossa análise nas freguesias pertencentes à região de Iguaçu, o estudo de Flávio Gomes nos auxilia na variação demografia da população escrava destas freguesias no transcorrer do oitocentos.

TABELA 2

População escrava das freguesias de Iguçu, 1821,1840,1850 e 1872.

Ano	1821		1840		1850		1872	
	Nº absoluto	Percentagem						
Marapicu	2.494	22,3%	3.758	40,2%	3.753	28,3%	2.002	27,1%
Jacutinga	2.426	21,7%	3.913	41,8%	3.290	24,8%	2.088	28,2%
Meriti	1.568	14,0%	1.674	17,9%	2.606	19,6%	776	10,50%
Iguçu	2.253	20,1%	-----	-----	1.235	9,3%	1.386	18,7%
Pilar	2.414	21,6%	-----	-----	2.375	17,9%	1.129	15,2%
Total	11.155	100%	9.345	100%	13.259	100%	7.381	100%

Fonte: Adaptado de GOMES, Flávio dos Santos. História de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. Tabelas 1 e 2. Páginas 50 e 51.

Conforme os dados disponíveis na tabela 2, no ano de 1821 a população escrava das cinco freguesias de Iguçu totaliza 11.155 escravos, enquanto para o ano de 1840 os dados se apresentam incompletos, mas contabilizam 9.345 cativos. Já, para o ano de 1850 a população escrava representa 13.259 indivíduos- sendo talvez o momento de maior dimensão da população escrava da região- ao passo que no ano 1872 a escravaria de Iguçu soma 7.381 cativos.

Tais dados nos indicam as dimensões reduzidas da escravaria de Iguçu se comparada com outras regiões, como por exemplo, o Vale do Paraíba fluminense. Porém, vale ressaltar que a interpretação da flutuação da população escrava de Iguçu nos anos citados, nos permite formularmos algumas interpretações sobre a formação da escravaria da região. Pois, se compararmos os anos de 1821 com o ano de 1850, evito utilizar as informações incompletas do ano de 1840, percebemos o crescimento da escravaria de Iguçu, com variação positiva de 2.104 indivíduos; um crescimento de 18,9%. Contudo, se confrontarmos os dados para os anos de 1850 e 1872 haverá um decréscimo de 5.878 cativos; diminuição de 55, 7% na população escrava da região. Após a apresentação destes dados, fica a pergunta sobre o que explicaria estas flutuações da população escrava do Recôncavo da Guanabara

Os citados trabalhos de Gomes e Bezerra nos auxiliam no entendimento das variações da população escrava assinalada acima. A tese de Bezerra indica que entre os

anos de 1783 a 1837, o número de escravos com procedência identificada existentes em Iguazu era de 334 africanos e 248 nascidos no Brasil (Vide a tabela 3). Já, o estudo de Gomes nos apresenta o percentual de naturalidade da população escrava de Iguazu para os anos de 1850 e 1872. No ano de 1850, 57,5% dos escravos eram de origem africana, ao passo que 42,5% eram crioulos. Enquanto, para o ano de 1872 somente 16% dos cativos são oriundos da África e 84% são crioulos. (Vide tabela 4)

TABELA 3

Procedências identificadas dos escravos das freguesias do Recôncavo da Guanabara (1783-1837)

Procedência	Quantidade
Africanos	334
Nascidos no Brasil	248

Fonte: Adaptação de BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840). Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. Tabela 5, página 85.

Obs: As determinações “Preto” e “ De Nação” foram incluído entre os escravos de procedência africana.

TABELA 4

Naturalidade da população escrava de Iguazu (1850 e 1872)

1850			1872		
Nº absoluto	% Africanos	% Crioulos	Nº absoluto	% Africanos	% Crioulos
13.259	57,5%	42,5%	7.381	16,0%	84,0%

Adaptado de GOMES, Flávio dos Santos. História de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. Dados presentes nas páginas 51 e 52.

As tabelas 3 e 4 apresentam elevados índices de escravos de procedências africanas existentes nas escravarias de Iguazu entre o período de 1783-1837 e no ano de 1850; o que nos permite hipotetizar que o crescimento de 18,9% na escravaria do

Iguaçu entre os anos de 1821 e 1850, indicado na tabela 2, é fruto em grande parte da entrada de cativos africanos via porto do Rio de Janeiro.

Porém, se analisarmos separadamente a tabela 4, com suas informações para os anos de 1850 e 1872, é seguro supormos que o decréscimo de 55,7% na escravaria de Iguaçu, argumentado sobre os dados da tabela 2, se deu em decorrência as limitações à entrada de africanos no mercado de escravo carioca, o que pode ter levado os senhores do recôncavo a incentivarem a reprodução endógena de suas escravarias.

Recorrendo a dados relativos à faixa etária da população escrava da região de Iguaçu, temos a percepção mais clara da ligação direta dos senhores do Recôncavo com o tráfico transatlântico de escravos. Considerando as conclusões de Manolo Florentino sobre a faixa etária predominante da população escrava fluminense, temos indivíduos entre 15 a 50 anos de idade. As informações apresentadas por Bezerra indicam que 53,1% dos indivíduos com idade identificada entre os anos de 1783 e 1837 estão entre os 15 e 50 anos, restando ainda 96 indivíduos que estão reunidos na faixa dos 11 aos 20 anos, que não foram acrescentados a porcentagem acima.

TABELA 5

Faixa etária identificada dos escravos das freguesias do Recôncavo (1783-1837)

Faixa etária	Quantidade	Percentual
0 -10 anos	97	19,9%
11-20 anos	96	19,7%
21-30 anos	134	27,5%
31-40 anos	80	16,4%
41- 50 anos	35	7,1%
Acima de 50 anos	45	9,2%
Total	487	100%

Fonte: Adaptação de BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840). Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. Tabela 2, página 64.

Já, os dados para o ano de 1850 apresentados por Gomes indicam a continuidade do perfil adulto da escravaria da região de Iguaçu, indicando que 50% dos escravos existentes nas suas freguesias estavam entre os 15 e 50 anos. Portanto, em idade apta ao trabalho na lavoura.

TABELA 6

Faixa etária dos escravos de Iguazu em 1850

1850					
Faixa etária	1-14 anos	15-40 anos	41- 60 anos	Acima de 60 anos	Indeterminados
Percentual	21%	50%	18%	3,5%	7,50%

Fonte: Adaptado de GOMES, Flávio dos Santos. História de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. Dados presentes na página 51

Todavia, ainda não tive acesso aos dados sobre faixa etária da população escrava para um período posterior a 1850, o que impossibilita a continuação da investigação sobre as faixas etária dos cativos num momento de maior impacto da crise do escravismo. Porém, somente com base nos dados disponíveis sobre faixas etárias para o período de 1783 a 1837 e depois para 1850 podemos compreender a preferência dos senhores de escravos de Iguazu na busca por escravos em idade adulta. Desmistificando a imagem do Recôncavo como local preferencialmente de um perfil escravo com idade avançada.

Passando para a identificação dos ofícios predominantes na escravaria de Iguazu, os dados abaixo informam sobre a distribuição dos ofícios escravos em Iguazu entre os anos de 1783 a 1837. Tendo enorme destaque os serviços relacionados à roça, com 71,1%, seguido do índice de 8,6% relativo ao emprego de cativo no sistema de transporte. Tais percentagens ilustram as conclusões de Bezerra sobre as atividades econômicas predominantes em Iguazu, e apresentam a necessidade de se buscar melhor entender a relação entre o acesso ao roçado e o domínio de parcela do próprio tempo de trabalho entre a escravaria existe no Recôncavo da Guanabara.

TABELA 7

Ofícios de escravos de Iguçu (1783-1837)

Tipos de Ofícios	Quantidade	Percentual
Serviço de roça	247	71,10%
Serviço de transporte	30	8,60%
Serviço de olaria	10	2,80%
Serviço de casa	21	6,50%
Costureiras	9	2,50%
Quitanderas	4	1,15%
Ao ganho	4	1,15%
Pedreiro	3	0,86%
Barbeiro	3	0,86%
Lavanderia	3	0,86%
Sapaterio	3	0,86%
Cozinheiro	2	0,57%
Carpinteiro	2	0,57%
Alfaiate	2	0,57%
Venda	2	0,57%
Ourives	1	0,20%
Pastor	1	0,20%
Total	347	100,00%

Fonte: Adaptação de BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840). Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. Tabela 1, página 59.

Portanto, somente com este breve olhar podemos perceber as características gerais sobre a escravidão no Recôncavo da Guanabara. Sua forte ligação com mercado de escravos do Rio de Janeiro, com a predominância em seus plantéis até 1850, de escravos em idade adulta. Tendo plantéis escravos de 11 a 40 indivíduos na média, que eram principalmente empregados em atividades relacionadas ao cultivo de gêneros alimentícios e no transporte via os rios locais.

Enquanto, no momento declínio do escravismo seus plantéis tendem a diminuir de tamanho, e passam a possuir uma percentagem cada vez mais elevada de escravos de origem crioula, mostrando as dificuldades dos senhores do recôncavo de acessar o mercado de escravos em decorrência dos presos elevados atribuídos aos cativos. Tais dificuldades econômicas, somadas a outros fatores, contribuirá para o forte declínio da

produção de alimentos na região salientado pelos relatos dos primeiros memorialistas locais.

Fica como tarefa as pesquisas futuras entender se realmente houve uma mudança drástica no perfil agrário da economia de Iguazu, ou se a ênfase na relatada queda acentuada da produção de alimentos é derivada de uma perspectiva saudosista de alguns memorialistas locais. E ainda mais importante, entender como se estruturava na relação senhor/escravo os regimes de trabalho nas lavouras de alimentos de Iguazu, quais as possibilidades de negociação do escravo no acesso a terra frente ao contexto de crise do escravismo fluminense.

Bibliografia

BEZERRA, Nielson Rosa. **Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)**. 2010. 215 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

_____. **As chaves da liberdade: confluências da Escravidão no Recôncavo do Rio de Janeiro (1833-1888)**. Niterói: EdUFF, 2008.

COSTA, Iraci del Nero. Nota sobre a posse de escravos nos engenhos e engenhocas fluminenses (1778). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: USP, n°28,1988. pp. 111-113.

DEMÉTRIO, Denise Vieira. **Famílias escrava no Recôncavo da Guanabara: séculos XVII e XVIII**. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

FORTE, José Mattoso Maia. **Memória da fundação de Iguaçu**. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1933.

FROES, Vânia. **Município de Estrela (1846-1892)**. 1974. 118f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1974.

GOMES, Flávio dos Santos. **História de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro- século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

NIGRA, Clemente Maria da Silva (Dom). **A antiga fazenda de S. Bento em Iguazu**. Rio de Janeiro. 1943.

PEREIRA, Waldick. **Cana, Café & Laranja. História Econômica de Nova Iguazu**. Rio de Janeiro: FGV: SEEC-RJ, 1977.

PEIXOTO, Rui Afrânio. **Imagens Iguaçuanas**. Nova Iguazu: Ed. Autor, 1968.

SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. **Magé na crise do escravismo**: sistema agrário e evolução econômica na produção de alimentos (1850-1888). 1994. 182 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1994.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVEIRA, Jorge Luís Rocha da. **Transformações na estrutura fundiária de Nova Iguaçu durante a crise do escravismo (1850-1890)**. 1998.293 p. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Dissertação de Mestrado em História, 1998.